

13 de julho de 2020

Boletim n.82 - Ciências Sociais e coronavírus

No boletim n.82, *Rosemere Maia (URFJ)* faz uma reflexão sobre o lugar que os emojis ocupam e podem passar a ocupar nas comunicações interpessoais que, no contexto atual, são majoritariamente intermediadas pelo digital e por redes sociais devido à necessidade de isolamento social. *Thiago Gehre e Ana Beatriz Reis (UnB)* contam um pouco sobre o projeto de Extensão “Transformação Social em Tempos de Crise: conectando passado, presente e futuro no enfrentamento à Covid-19 (TSTC)” da Universidade de Brasília, formulado com o intuito de organizar alunos, pesquisadores e pessoas da sociedade civil em ações para o enfrentamento da pandemia e das crises que se apresentam, a partir de algumas diretrizes definidas e orientadas pela intenção de promover transformação social a partir da crise.

A “vitória” dos emojis: sobre a força dos pictogramas em tempos de distanciamento social

Por Rosemere Maia

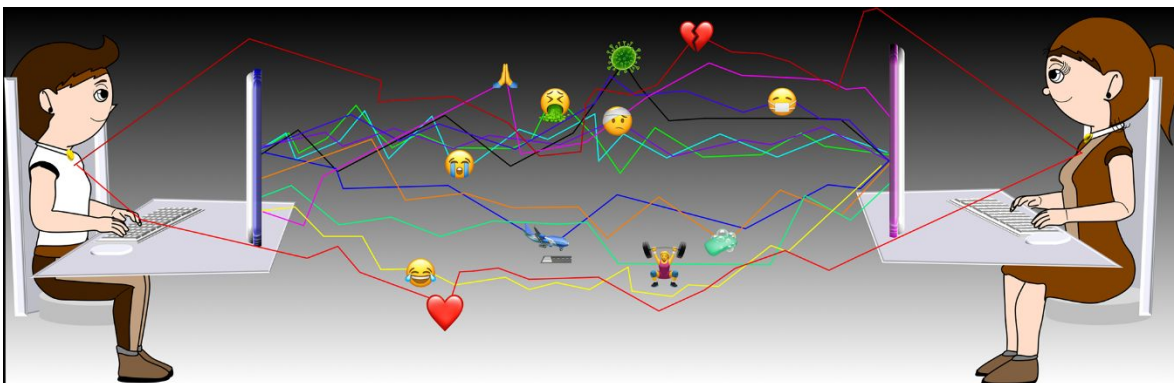


Imagem elaborada exclusivamente para acompanhar este texto, por Bárbara Maia.

2020 tem sido, para todos os habitantes do planeta, um ano excepcional. Que se entenda que essa condição não se refere a nenhuma grandeza ou excelência, mas ao fato de fugir por completo ao ordinário, à previsibilidade, à “normalidade”, colocando-nos diante de desafios e situações que nos parecem extraídos de algum filme de ficção. O distanciamento social - recomendado pela OMS, por pesquisadores/cientistas, pelos profissionais de saúde e gestores (ainda que recusado pelo nosso Presidente) - como forma de evitar a propagação do vírus e, conseqüentemente, viabilizar o “achatamento da curva”, tem levado cada um de nós à busca de outras estratégias de contato e interação com familiares, amigos e companheiros de trabalho. As redes sociais (Facebook, Twitter,

Instagram, sites e aplicativos de relacionamento) tornaram-se, neste contexto, nossas principais aliadas. Multiplicam-se as mensagens e chamadas de voz via WhatsApp; proliferam as lives/videoconferências através de aplicativos como Skype, Zoom e Google Meet e, de forma contundente, tem crescido o uso de emojis, muitos deles para expressar toda a angústia e sofrimento que marcam o contexto da pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

Os emojis surgiram no século XX, mais precisamente em 1995. Para alguns especialistas, eles seriam quase que uma evolução dos emoticons (emotion + icon, em inglês), que já vinham sendo utilizados em trocas de mensagem, desde os anos 1980. Foi o Professor Scott Fahlman, da Universidade Carnegie Mellon (Pittsburgh, EUA), quem fez, em 1982, a primeira proposta de seu uso em e-mails, procurando estabelecer uma diferenciação entre os “e-mails sérios e os que continham alguma piada. [...] ‘Proponho a seguinte sequência de caracteres para os marcadores de piada: :-)’ Leia-o de lado.” (MORO, 2016, p. 60).

Os emojis (e + moji, que, em japonês, significam imagem + letra), criados por Shigetaka Kurita, são pictogramas que representam emoções, estados de espírito e, além disso, trazem para seu universo uma série de outros elementos gráficos como animais, plantas, objetos, alimentos, símbolos, etc. (LJUBESIC e FISER, 2016, p. 82). Neste momento em que nos encontramos reclusos em casa - em que abraços solidários, apertos de mãos, risos, lágrimas e beijos calorosos deixam de ser compartilhados; quando não podemos nos sentar para brindar ou tomar um café com os amigos, ir ao cinema ou ao teatro; quando, nas ruas, máscaras cobrem nossos rostos, protegendo-nos do vírus, mas retirando nossa capacidade de fazer valer o que há de melhor na forma de olhar, de sorrir e de falar - o emoji passa a ser esse outro que buscamos para representar um “EU”. Uma ressalva deve ser feita: embora os pictogramas façam parte desde sempre da história da humanidade (o que pode ser comprovado por meio das pinturas rupestres), é patente que, a partir do momento em que passaram a figurar em nossas “conversas”, eles ganharam um peso diferenciado enquanto elementos de interação social, sendo, assim, capazes de resumir uma ideia, ultrapassar barreiras linguísticas e agilizar a comunicação, dada a sua natureza autoexplicativa. Isto não significa dizer que permitam apenas uma interpretação ou entendimento (Moro, 2016). Em se tratando do ambiente virtual - que atravessa fronteiras geográficas e culturais, favorece o contato entre sujeitos de distintas classes, gênero, raça/etnia e orientações políticas - seu uso pode provocar várias “saías justas”, incompreensões e até dissensos. Inclusive, no que tange à questão racial, houve críticas ao fato dos “personagens” disponíveis serem somente da raça branca, o que levou à incorporação de outros tons/cores às carinhas e bonequinhos existentes (FRANÇA, 2018, p. 198).

Sobre a utilização de emojis, a Emojipédia (uma ferramenta vista como referência para a análise e significado dos emojis) divulgou, em 1º de maio de 2020, uma pesquisa que fez entre 68 milhões de postagens únicas no Twitter, procurando compreender o estado de humor de seus usuários, refletido nas “carinhas” em tempos de pandemia. Os dados não nos surpreendem: verifica-se, em comparação às pesquisas realizadas em abril e agosto de 2019, uma diminuição dos emojis positivos (como 😊 😄), embora mantenham-se na liderança do ranking, adotados em referência aos memes que surgem nos tweets. Por outro lado, observa-se uma ascensão das carinhas com máscara 😷, de expressão pensativa 🤔, em choro copioso 😭 e com asco 🤢. Mas as grandes novidades em termos de utilização massiva são o rosto suplicante (pleading face) 🙏 e o ícone de duas mãos juntas (🙌) - este considerado o símbolo de oração ou gratidão. Segundo matéria publicada pela Marketeer (maio/2020), esse último tem “sido a escolha de quem quer expressar os seus sentimentos em relação às dificuldades que o mundo atravessa: surge tanto em tweets de homenagem aos profissionais de saúde como em publicações em que os utilizadores agradecem por terem conseguido encontrar papel higiênico no supermercado”. Segundo a mesma matéria, a pandemia alavancou o uso de emojis referidos a itens de higiene, como sabonetes, e a micróbios (🦠). Por outro lado, percebe-se um declínio do recurso àqueles que remetem à prática de esportes e às viagens - certamente em razão da situação de isolamento social, que tem mantido as pessoas em casa e, para grande parte, em total sedentarismo. Interessante notar que na mesma revista há uma referência à afirmação de Yvan Evans, autor de um livro sobre a assunto, que sustenta que “a forma como os emojis estão a ser utilizados para descrever a pandemia é, basicamente, a linguagem corporal da era digital”. E a matéria conclui: “O facto de os internautas optarem por símbolos que representam a sua realidade actual poderá ajudar a pintar um quadro daquele que é o novo dia-a-dia”. (Marketeer, 2020)

Sabemos que ainda levará algum tempo para que possamos, enfim, dizer que a COVID-19 foi uma doença do passado, prevenida por vacina ou controlada por medicamentos capazes de evitar que mortes decorram de seu contágio. Ainda veremos milhares (ou milhões) de pessoas tornando-se estatísticas. Ainda teremos que conviver com o espetáculo da morte por algum tempo. Infelizmente, as projeções não são nada favoráveis, sobretudo em relação ao Brasil. Diante do que se convencionou tratar como um “novo normal” que está por vir e frente à impossibilidade de retomarmos de imediato e através de nossos corpos e expressões faciais as manifestações de afeto, de rancor, de felicidade ou de ironia, talvez tenhamos que “*pictografá-las*” através dos emojis.

As “carinhas” continuarão a dominar nossas conversas cotidianas no momento pós-pandemia? É uma possibilidade! Talvez até passem a ser utilizadas para estampar nossas máscaras, de modo a expressarmos ao outro o nosso estado de humor. São projeções que, se concretizadas, quem sabe venham a soar como uma grande ironia, sobretudo se

pensarmos que na disputa entre as nossas faces e os emojis, pelo menos por algum tempo, eles estarão em vantagem. Até que uma vacina ou um medicamento se apresentem como eficazes para a prevenção ou combate à COVID-19, a recomendação é para que permaneçamos em estado de evitação ou distanciamento social. Neste sentido, os emojis - ora “personificados”- continuarão a exibir seu “troféu”, deixando claro que o que vivemos não é uma distopia, mas uma realidade onde o pictograma “venceu” o homem.

Rosemere Maia é professora titular da Escola de Serviço Social da UFRJ, Doutora em Geografia pelo PPG/UFRJ e possui Pós-Doutorados realizados na Universidade Nova de Lisboa, na PUC-Rio e na Universidade de Coimbra.

Referências bibliográficas:

FRANÇA, Lilian Cristina M. Educação e redes sociais: novas lógicas textuais no processo ensino/aprendizagem. *EDUNOVATIC 2018*. Conference Proceedings. Eindhoven, Hadaya Press, 2018.

LJUBESIC, Nikola, FISER, Darja. A Global Analysis of Emoji Usage. *Proceedings of the 10th Web as Corpus Workshop (WAC-X) and the EmpiriST Shared Task*, pages 82–89, Berlin, Germany, August 7-12, 2016. <https://www.aclweb.org/anthology/W16-2610.pdf>

MORO, Gláucio Henrique Matsushita. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. *Rev. Estud. Comun.*, Curitiba, v. 17, n. 43, p. 53-70, set./dez. 2016. <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22552/21636>

MARKETEER. *Que emojis lideram durante a pandemia (e o que diz isso sobre cada pessoa)?* <https://marketeer.sapo.pt/que-emojis-lideram-durante-a-pandemia-e-o-que-diz-isso-sobre-cada-pessoa>.

Transformação social em tempos de crise: conectando passado, presente e futuro no enfrentamento à Covid-19

Por Thiago Gehre e Ana Gabriela Reis



Os impactos econômicos, políticos, ambientais e socioemocionais da pandemia de COVID-19 devem se estender por muito tempo, o que insta a reflexão sobre o papel da universidade pública brasileira (SANTOS 2020). Para tanto, apresenta-se como estudo de caso o projeto “Transformação Social em Tempos de Crise: conectando passado, presente e futuro no enfrentamento à Covid-19” (TSTC), da Universidade de Brasília, para o entendimento de suas potencialidades e inspiração para outras instituições de ensino superior no país.

O TSTC foi resultado de um chamamento público da Reitoria da UnB, em alinhamento ao Decanato de Extensão (DEX/UnB), para que se apresentassem projetos que pudessem fazer frente aos múltiplos impactos do avanço da pandemia no Brasil e no DF. O objetivo seria assumir, na atual crise de saúde global, a oportunidade de gerar transformações sociais profundas, concatenadas aos princípios da sustentabilidade, diversidade e resistência democrática, criando um mapa do caminho que partisse da extensão universitária.

Logo, a discussão no âmbito do Programa UnB2030¹, que alberga o projeto TSTC, foi: “como as humanidades irão responder a este desafio?”. Sabia-se que as áreas duras das ciências rapidamente ganhariam protagonismo na produção de máscaras, equipamentos de proteção individual, mapeamento de genoma e testagem de vacinas com plasma sanguíneo, por exemplo.

Uma resposta no campo das humanidades veio com o projeto TSTC, desenhado metodologicamente ligando três temporalidades (passado, presente e futuro) na construção de uma espécie de pesquisa-ação. Ao mesmo tempo em que se está pesquisando, debatendo e gerando conhecimento sobre diversos temas² relacionados à pandemia, foram viabilizados espaços de interação, participação e intervenção social.

Na dimensão “passado”, se está fazendo registros das vivências e experiências de nossa comunidade, vivendo em diferentes regiões do Distrito Federal e Entorno (e da comunidade de brasilienses no Exterior), em termos de percepções individuais sobre o que é a quarentena e as reações pessoais ao confinamento.

Na dimensão “presente”, que demanda reação imediata e midiática, está se desenvolvendo: 1) Produção de vídeos explicativos sobre temáticas-chave em tempos de COVID-19, em parceria com o programa Extensão e Comunicação em Rede³; 2) Produção

¹ Programa Estratégico da Universidade de Brasília que visa mapear a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no Brasil e na UnB.

² O projeto foi desenhado em torno de vinte e um temas que conectassem o global ao local e pudessem se alinhar à Agenda 2030 e aos ODS. Sendo eles: 1. Pobreza; 2. Fome, segurança alimentar e nutricional; 3. Vida saudável e bem-estar; 4. Educação inclusiva, equitativa e de qualidade; 5. Igualdade de gênero; 6. Água e saneamento; 7. Energia; 8. Trabalho decente; 9. Industrialização inclusiva e sustentável; 10. Desigualdades; 11. Cidades sustentáveis; 12. Produção e consumo sustentáveis; 13. Mudança do clima; 14. Oceanos; 15. Ecossistemas terrestres, florestas e biodiversidade; 16. Paz, justiça e segurança; 17. Parcerias; 18. Igualdade racial; 19. Arte, cultura e comunicação; 20. Enfrentamento global às pandemias; 21. Povos originários.

³ O Programa Extensão e Comunicação em Rede da UnB está vinculado ao DEX, cuja finalidade é fomentar a atuação das equipes extensionistas como agentes de comunicação por meio das formas da comunicação popular, mediante a tríade: informar, formar e organizar, fortalecendo a articulação em rede.

de cartões informativos sobre temáticas impactadas pela pandemia, baseados em fontes confiáveis, em parceria com o GT da Sociedade Civil para Agenda 2030; 3) Produção de podcasts que possam atingir a um público ainda maior; 4) Estabelecimento de eixo integrado de trabalho com universidades públicas brasileiras, como UNESP-Bauru, UFPB e outras.

Na dimensão “futuro”, busca-se aprender com as lições diárias que a convergência de crises (saúde, econômica e política) tem imposto à sociedade brasileira e ao mundo. A rápida disseminação da COVID-19 revelou a necessidade de se entender como as dinâmicas populacionais interagem com fenômenos transnacionais agora e no futuro. A Universidade Pública, portanto, deverá se preparar para as próximas crises, que provavelmente virão de outras fontes e intensidades; e, para isto, foi delineada uma oficina de trabalho com a equipe da Escola de Governo da Fiocruz em Brasília, com intuito de elaborar cenários pós-crise.

Os resultados parciais do projeto têm se mostrado, no mínimo, auspiciosos, em termos de alcance e potencial. Pedagogicamente, mobilizou pelos menos 20 jovens pesquisadores/as na missão de levantamento de dados qualitativos, articulação com parceiros e difusão de informação; construiu pontes com diferentes instituições governamentais e não-governamentais, fortalecendo o papel da Universidade e da sociedade civil organizada em reagir aos efeitos da pandemia.

O mapeamento feito até agora embasou a produção de *cards* críticos, os interseccionando às temáticas de pobreza, fome, saúde, educação, gênero, trabalho, energia e água e saneamento, levando às seguintes reflexões: a população mais pobre, aqueles que se encontram em situação de rua e os que vivem em habitações precárias, sofrem muito mais os reflexos da pandemia; a falta de saneamento básico e água tratada inviabilizam combater a COVID-19; as aulas suspensas expuseram as crianças à insegurança alimentar pela ausência da merenda; o isolamento social em casa aumentou a violência doméstica contra as mulheres; a necessidade da democratização do acesso à energia elétrica; e as desigualdades existentes no mundo do trabalho foram ainda mais evidenciadas neste período.

No plano da transformação social, os impactos têm sido múltiplos: a) formação de uma nova geração de pesquisadoras/es sensíveis às temáticas trabalhadas; b) alcance nacional e internacional do material produzido (*cards*, vídeos e debates); c) promoção da informação de qualidade, da comunicação baseada em evidências científicas e do papel da universidade pública como propulsora de soluções aos problemas sociais; d) sensibilidade às demandas sociais como ponto de partida para as intervenções; e) preservação da memória de enfrentamento à COVID-19 (que culminará em documentário síntese das experiências registradas); f) robustecimento da preparação da universidade pública para situações de crise.

Em suma, observa-se que os grupos populacionais mais vulnerabilizados no Brasil são afetados de forma mais intensa pela pandemia, e coloca-se em xeque, portanto, as políticas públicas nacionais e as escolhas de nossos governantes. Assim, uma das respostas das humanidades é pensar nas transformações sociais possíveis olhando para o passado, agindo no presente e se preparando para o futuro. Para tanto, a extensão universitária pode ser este ponto de partida dentro das universidades públicas brasileiras.

Thiago Gehre é professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília e Coordenador do Programa Estratégico UnB 2030.

Ana Gabriela Reis é pesquisadora-júnior do Programa Estratégico UnB 2030.

Referências:

BRANDÃO, José Eduardo. ODS 17: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. *Cadernos ODS*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, 2020, p. 1-34.

Extensão e Comunicação em Rede UnB. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCeliOBrijxt9_38ZSmj17og.

LARIVIÈRE, V., SHU, F. and SUGIMOTO, C. *O surto de coronavírus (COVID-19) ressalta sérias deficiências na comunicação científica*. Publicado originalmente no LSE Impact Blog em março/2020] [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 17 fev. 2020.

PLAN INTERNATIONAL. *Guia: resposta à pandemia de COVID-19 – Atendendo às necessidades da população sem deixar ninguém para trás*. São Paulo, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

UNB 2030. Disponível em: <https://www.instagram.com/unb2030ods/>.

Estes textos são parte de uma série de boletins sequenciais sobre o coronavírus e Ciências Sociais que está sendo publicada ao longo das próximas semanas. Trata-se de uma ação conjunta que reúne a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Nos canais oficiais dessas associações estamos circulando textos curtos, que apresentam trabalhos que refletiram sobre epidemias. Esse é um esforço para continuar dando visibilidade ao que produzimos e

também de afirmar a relevância dessas ciências para o enfrentamento da crise que estamos atravessando.

A publicação deste boletim também conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPUH), da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).

Acompanhe e compartilhe!

